



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

ZORDAN, Mariash Piccoli; VOLPI, José Henrique. Técnica da escultura: leitura baseada nos conceitos das abordagens corporal e sistêmica. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) CONGRESSO BRASILEIRO PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XXII, 2017. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2017. [ISBN – 978-85-69218-02-9]. Disponível em: <[www.centroreichiano.com.br/artigos\\_anais\\_congressos.htm](http://www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm)> Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

## TÉCNICA DA ESCULTURA: LEITURA BASEADA NOS CONCEITOS DAS ABORDAGENS CORPORAL E SISTÊMICA

Mariash Piccoli Zordan  
José Henrique Volpi

### RESUMO

As abordagens Corporal e Sistêmica utilizam como instrumento diagnóstico e terapêutico diferentes técnicas visando a compreensão e possibilitando o desenvolvimento pessoal do indivíduo, família ou grupo. O objetivo deste artigo foi integrar a percepção das tensões corporais, propostas pela Psicologia Corporal, com os padrões transacionais da família, estabelecidos pela abordagem Sistêmica na interpretação da Escultura como técnica de diagnóstico e de intervenção terapêutica. O ponto de partida foram os constructos teóricos que dão sustentação a estas abordagens. Neste sentido, o foco da Corporal está nas impressões da história de cada pessoa registradas no corpo e nos traços de caráter individuais. Já a lente Sistêmica centra-se no indivíduo e suas interações familiares, as quais ativam padrões de funcionamento que caracterizam a estrutura da família, isto é, as formas pelas quais seus membros interagem delimitando papéis, regras e fronteiras. Conclui-se que ambas podem contribuir para a interpretação das manifestações corporais e interacionais representadas por meio desta técnica e que, utilizadas em conjunto, favorecem a ampliação do conhecimento de si e do padrão de funcionamento familiar, auxiliando na promoção da saúde emocional e relacional.

**Palavras-chave:** Técnica da Escultura. Psicologia Corporal. Abordagem Sistêmica.

---

Freud, precursor da psicoterapia, utilizou inicialmente a palavra como instrumento básico para transmitir e compreender o mundo interno dos pacientes, utilizando a técnica denominada de Associação Livre (RÍOS-GONZALEZ, 2003). Posteriormente, outros autores foram desenvolvendo diferentes técnicas que pudessem auxiliar na compreensão do ser humano e suas emoções.

Reich, ao perceber que a Associação Livre era limitada à fala, desenvolveu uma técnica que abarcasse, além da esfera psíquica, também a somática. A partir de suas pesquisas constatou que o corpo sinaliza todos os conflitos emocionais por meio de uma linguagem própria, revelada pelos gestos, postura, tom de voz (REICH, 1995). Destacou também que o corpo é composto pelas impressões físicas e psicológicas que vão se moldando de acordo com o que é emocionalmente vivido ao longo da história de uma pessoa (VOLPI; VOLPI, 2007).

O corpo movimenta, sente, aprende, modifica, deprime, cresce, se expande, se contrai e morre. Possui uma energia própria, que pode ser alta (hiperorgonótica), baixa (hipoorgonótica) ou normal (orgonótica) (VOLPI; VOLPI, 2007).



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

ZORDAN, Mariash Piccoli; VOLPI, José Henrique. Técnica da escultura: leitura baseada nos conceitos das abordagens corporal e sistêmica. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) CONGRESSO BRASILEIRO PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XXII, 2017. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2017. [ISBN – 978-85-69218-02-9]. Disponível em: <[www.centroreichiano.com.br/artigos\\_anais\\_congressos.htm](http://www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm)> Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

Além disso, Reich possuía uma concepção integrada do homem em seus aspectos somático e psíquico, individual e social, que pode ser compreendida como uma visão ecossistêmica do ser em interdependência, inter-relação e interação dinâmica com o oceano cósmico que o inclui e circunda (ORTLIEB, 2008).

Já o paradigma sistêmico tem como foco conceitual o ser humano em interação com o meio, imerso numa complexa rede de ideias, emoções, interações e conexões influenciando e sendo influenciado mutuamente.

Segundo Rosset (2013) as técnicas podem ser utilizadas em psicoterapia como instrumento terapêutico no momento que se está em busca de movimentos novos, tais como: mudanças de atitudes, de comportamentos ou nas relações. Nesta perspectiva, auxiliam para que o indivíduo, o casal, a família ou o grupo desenvolva aprendizagens como, por exemplo, quanto às regras, à agressividade e aos afetos.

Nesse sentido, são consideradas como algo que contribui para compreender o funcionamento dos clientes e para ativar o processo psicoterapêutico, lembrando que nada ocorre rapidamente, ou de forma isolada e sem trabalho (LIMA, 2010). Desta forma, oportunizam o desenvolvimento de mudanças que se fazem necessárias.

A Escultura é uma técnica que está embasada na Abordagem Sistêmica, que, por sua vez, se fundamenta na Teoria Geral dos Sistemas, desenvolvida nos anos 30 por Bertalanffy (2012) e na Teoria da Comunicação, estudada na década de 60 por Watzlavick, Beavin, e Jackson (2007). Esta abordagem enfatiza as relações interpessoais, o contexto e as circunstâncias. Deste modo, percebe-se a circularidade, a relação e a rede de acontecimentos, por meio da comunicação não verbal e para verbal incluindo o corpo e suas linguagens.

A técnica da Escultura foi criada por Kantor, na década de 50, a partir de seus estudos sobre o significado do espaço nas relações humanas e seu interesse pela Teoria dos Sistemas, enquanto trabalhava no Instituto da Família de Boston. A seguir, foi desenvolvida por Papp, Silverstein e Carter, do Instituto da Família de Nova York e, posteriormente, por Andolfi (LÓPEZ; POBLACIÓN, 1999).

Segundo López e Población (1999, p. 144), a escultura é definida como “[...] expressão plástica simbólica da estrutura vincular de um sistema obtida por meio da instrumentalização dos corpos de tal sistema”.

Na aplicação da técnica da Escultura solicita-se que um membro do grupo em estudo e/ou tratamento crie uma escultura utilizando os corpos daqueles indivíduos, moldando suas posturas, gestos, posições, distâncias e contatos. Habitualmente estática, a Escultura também

---



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

ZORDAN, Mariash Piccoli; VOLPI, José Henrique. Técnica da escultura: leitura baseada nos conceitos das abordagens corporal e sistêmica. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) CONGRESSO BRASILEIRO PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XXII, 2017. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2017. [ISBN – 978-85-69218-02-9]. Disponível em: <[www.centroreichiano.com.br/artigos\\_anais\\_congressos.htm](http://www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm)> Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

pode ser dinâmica/móvel. Ao concluir a obra, o escultor e o grupo tendem a desfazer a escultura e é importante que cada um permaneça “fixados nela, que a viva, que se perceba cinestésica, proprioceptiva e emocionalmente” (LÓPEZ; POBLACIÓN, 1999, p. 158). A manutenção da escultura é imprescindível “Porque seus componentes estão recebendo mensagens a partir de suas posturas, contatos, posições relativas, proximidades ou separações, gestos, comodidade ou incômodo, equilíbrio ou desequilíbrio” (LÓPEZ; POBLACIÓN, 1999, p. 159).

A Escultura é utilizada há várias décadas em contexto clínico (FREITAS, 2014), com indivíduos, famílias, casais ou grupos e tem como objetivo “Auxiliar o terapeuta a identificar o padrão de funcionamento dos clientes e levantar pontos que necessitam ser trabalhados” (ROSSET, 2013). Além disso, por eliminar parcialmente a palavra, torna a situação mais visível e inteligível, por traduzi-la numa imagem visual demonstrando corporalmente o que se vive, e transformando em figura o que se sente, necessita, deseja ou teme (RÍOS-GONZALEZ, 2003).

A literatura refere que, decorridos mais de cinco décadas de sua aplicação inicial, esta técnica apresenta um grande potencial e que os passos iniciais para interpretar a Escultura familiar foram desenvolvidos por Andolfi na década de 80, mediante a análise estrutural de duas fases distintas: a estática e a dinâmica. No entanto, a investigação científica não tem dado importância para esta técnica visto que não foi encontrado nenhum estudo de modelos interpretativos ou tentativas de codificação da Escultura familiar nos últimos 30 anos (FREITAS, 2014). Ponderando a importância dada a sistemas de codificação estandardizados esta autora desenvolveu a Codificação da Escultura Familiar (CEF): Sistema Observacional.

Na perspectiva de ampliar as possibilidades de interpretação da Escultura, este estudo se propõe a integrar os conhecimentos da Psicologia Corporal e da Bioenergética por meio da leitura dos corpos de cada pessoa, e da Abordagem Sistêmica, considerando as posições, distâncias e contatos entre os componentes do sistema familiar ou grupal.

Considerando-se a Escultura, simultaneamente, um instrumento de diagnóstico e terapêutico e que a Psicologia Corporal possui um arcabouço de conceitos para integrar corpo e mente, o objetivo deste estudo é compreender e integrar, a partir da técnica da Escultura, os traços de caráter do indivíduo, propostos pela Psicologia Corporal e os padrões transacionais da família embasados na Abordagem Sistêmica. Já os objetivos específicos são: contextualizar a técnica da Escultura considerando a sua criação, desenvolvimento, aplicação e interpretação; caracterizar os traços caracterológicos identificados nos corpos de cada indivíduo da família; caracterizar os padrões transacionais familiares identificados na representação da Escultura.

---



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

ZORDAN, Mariash Piccoli; VOLPI, José Henrique. Técnica da escultura: leitura baseada nos conceitos das abordagens corporal e sistêmica. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) CONGRESSO BRASILEIRO PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XXII, 2017. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2017. [ISBN – 978-85-69218-02-9]. Disponível em: <[www.centroreichiano.com.br/artigos\\_anais\\_congressos.htm](http://www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm)> Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

Ao observar a Escultura poderemos identificar simultaneamente os traços caracterológicos e a representação física dos padrões transacionais familiares que emergem durante a execução da técnica, sendo possível observar o corpo, as emoções e as relações.

Reich foi o precursor no ocidente a compreender o ser humano como um ser integrado em termos de mente, corpo e energia. A partir de 1953, Alexander Lowen, fundamentado em Reich, desenvolveu a Análise Bioenergética. De acordo com esses autores, a história de cada indivíduo está armazenada no corpo, principalmente nas experiências vividas na primeira infância, considerando que os traumas físicos e emocionais ficam contidos no corpo na forma de tensão muscular.

Lowen no final dos anos 50 e início dos anos 60 descreveu os traços de caráter como: esquizoide, oral, psicopata, masoquista e rígido (LOWEN, 2007).

A seguir, descreveremos os aspectos psicológicos, os aspectos físicos e o funcionamento básico desses traços de caráter baseados em VOLPI; VOLPI (2003).

O caráter Esquizoide demonstra nos aspectos psicológicos medos de aniquilação, de fragmentação e de desistir de existir. Estes medos costumam ser compensados por meio da intelectualização. Nos aspectos físicos apresenta olhos vazios, tensão muscular na base do crânio (pescoço e ombros), no diafragma e nas articulações. As partes do corpo estão em desarmonia e os movimentos são mecânicos denotando enrijecimento. No funcionamento básico revela limitação nos relacionamentos interpessoais, visto que estes geram tensão.

O caráter Oral apresenta como aspectos psicológicos dependência, medos de abandono, com predomínio de sentimentos de privação, de solidão e de injustiça. Nos aspectos físicos revela fraqueza muscular generalizada. No entanto, os músculos temporais, a mandíbula, a boca, a cabeça, o pescoço e os músculos peitorais são tensos. O peito é afundado ou projetado para fora. O funcionamento básico é caracterizado pela passividade, depressão e dependência. Além disso, o indivíduo está em constante busca de atenção, de aprovação e de apoio, com dificuldades para compreender as necessidades dos outros.

O caráter Psicopático possui como aspectos psicológicos o medo de perder o controle, ou seja, medo de perder o amor. A pessoa compensa esse medo por meio da afirmação de si mesmo, mostrando-se superior aos outros e aos seus próprios sentimentos. Fisicamente destaca-se o peito inflado e olhos controladores. A cabeça, os ombros e o diafragma são tensos. Há uma separação entre as partes superior e inferior do corpo, e o bloqueio está localizado no diafragma. Existem dois subtipos que se diferenciam nos aspectos físicos: o psicopata tirânico, que apresenta alta carga na parte superior e baixa carga na parte inferior, e



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

ZORDAN, Mariash Piccoli; VOLPI, José Henrique. Técnica da escultura: leitura baseada nos conceitos das abordagens corporal e sistêmica. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) CONGRESSO BRASILEIRO PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XXII, 2017. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2017. [ISBN – 978-85-69218-02-9]. Disponível em: <[www.centroreichiano.com.br/artigos\\_anais\\_congressos.htm](http://www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm)> Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

o psicopata sedutor, cuja aparência é mais regular, porém com fluxo em desequilíbrio. O funcionamento básico se dá por meio do controle, manipulação e negação dos próprios sentimentos e dos outros. Suas ações são motivadas por vontade, poder e controle de seus próprios interesses, investindo muito em sua imagem.

O caráter Masoquista tem como aspectos psicológicos o medo da descarga e de ser esmagado. Há sensação de inferioridade, apresentando culpa e vergonha dos próprios desejos. Fisicamente o corpo é denso, entroncado e sobrecarregado. Possui ombros, garganta, assoalho pélvico e músculos flexores tensos, o abdômen mostra-se contraído, o pescoço é curto e grosso. Os suspiros são frequentes e sugerem desesperança. No funcionamento básico se mostra agradável, aceita a realidade, mas luta ansiosamente contra ela. É obediente, porém mantém conduta provocativa. O impulso agressivo é dirigido para dentro. No trabalho tende a se sobrecarregar de atividades para agradar os outros.

O caráter Rígido tem como aspectos psicológicos o medo da rejeição, de se entregar e ser traído. Sensação de desvalorização que compensa por meio da exibição. Fisicamente o corpo é forte, proporcional com muitos músculos, formando armaduras em placas. O pescoço é endurecido e a mandíbula retida. O funcionamento básico é marcado pela razão em detrimento da emoção, com atitudes arrogantes e distantes. Apresenta dificuldade em conectar sentimentos do coração com sexualidade.

Fazer Análise do Caráter significa identificar os traços de caráter, principalmente os usados para a manifestação dos sintomas, formados durante as etapas do desenvolvimento emocional da criança (VOLPI; VOLPI, 2002; VOLPI, 2008).

O caráter é “[...] a expressão do funcionamento do indivíduo tanto no âmbito psíquico quanto no somático[...]” (LOWEN, 1977, p. 118). Neste sentido, o caráter é compreendido como o modo habitual de conduta do indivíduo decorrente de uma série de complexas operações referentes aos modos habituais de adaptação do ego ao id, ao superego e ao mundo externo (VOLPI, 2008).

Os padrões transacionais da família são os padrões de funcionamento que se ativam quando algum membro está em interação com o outro. Estes padrões de funcionamento caracterizam a estrutura da família, isto é, o conjunto invisível de exigências funcionais que organiza as formas pelas quais os membros da família interagem delimitando papéis, regras e fronteiras (WAGNER; TRONCO; ARMANI, 2011).

Os papéis são definidos pela forma como cada pessoa desempenha a função que lhe compete na família. As regras são as características comuns que definem quem participa de



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

ZORDAN, Mariash Piccoli; VOLPI, José Henrique. Técnica da escultura: leitura baseada nos conceitos das abordagens corporal e sistêmica. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) CONGRESSO BRASILEIRO PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XXII, 2017. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2017. [ISBN – 978-85-69218-02-9]. Disponível em: <[www.centroreichiano.com.br/artigos\\_anais\\_congressos.htm](http://www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm)> Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

cada subsistema e de que maneira (MINUCHIN, 1982). E as fronteiras são barreiras invisíveis que delimitam os indivíduos, os subsistemas e todo o sistema familiar (NICHOLS; SCHWARTZ, 2007) as quais são classificadas em três tipos: nítidas, difusas e rígidas.

As fronteiras nítidas caracterizam o funcionamento familiar mais saudável, pois permitem que cada indivíduo exerça suas funções de forma apropriada, impedindo interferências indevidas e permitindo contato entre os indivíduos e o meio externo. As fronteiras difusas caracterizam famílias emaranhadas (MINUCHIN, 1982) ou famílias aglutinadas (CALIL, 1987), pois por serem frágeis favorecem a indiferenciação e dificultam a autonomia. As fronteiras rígidas caracterizam famílias desligadas (MINUCHIN, 1982) ou desengajadas (CALIL, 1987), porque a comunicação entre os subsistemas é dificultada gerando um distanciamento emocional, enquanto a função protetora da família fica comprometida (WAGNER; TRONCO; ARMANI, 2011).

Quando fazemos uso da técnica da Escultura, ao solicitar que um membro da família ou grupo crie uma Escultura é possível, na leitura dessa montagem, verificar os papéis, as regras e as fronteiras que caracterizam esta família ou grupo. Neste sentido, Nicoló (1977, citado por ANDOLFI, 1996) desenvolveu uma tipologia para interpretá-la. Ele considera que na fase estática a Escultura pode apresentar três formas: verticais/atração, horizontais/evasão e circulares/aglutinadas.

As esculturas verticais e as horizontais são definidas a partir da organização espacial do sistema face ao centro ou centros fixos. Na vertical o centro é fixo, podendo ser representado simbolicamente ou por meio de um componente do sistema. Este assume para todos os demais como o detentor do poder na definição das relações. Este centro fixo evidencia uma organização vertical no espaço, refletindo os movimentos centrípetos do sistema (ANDOLFI, 1996). Movimentações centrífugas, com deslocamentos laterais para fora de, um ou mais centros fixos, refletem esculturas horizontalmente distribuídas no espaço, associadas às famílias que Minuchin (1982) caracteriza por desligadas (os elementos têm uma percepção de autonomia elevada e um baixo sentimento de pertença face ao sistema). Já nas esculturas circulares o espaço de organização do sistema é rígido e as linhas relacionais são marcadas pela inflexibilidade. A interação que se estabelece é determinada pelo comportamento dos outros ou pela sua mera presença. Representam, via de regra, famílias emaranhadas Minuchin (1982), cujas relações são encadeadas, detentoras de padrões de tensão elevados e por movimentos vagos e pouco evidentes (ANDOLFI, 1996).



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

ZORDAN, Mariash Piccoli; VOLPI, José Henrique. Técnica da escultura: leitura baseada nos conceitos das abordagens corporal e sistêmica. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) CONGRESSO BRASILEIRO PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XXII, 2017. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2017. [ISBN – 978-85-69218-02-9]. Disponível em: <[www.centroreichiano.com.br/artigos\\_anais\\_congressos.htm](http://www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm)> Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

No que se refere à fase dinâmica Nicoló (1977, citado por ANDOLFI, 1996), aponta também para dois tipos de esculturas distintos, em função da movimentação e uso do espaço durante a escultura, num determinado tempo. A questão que se impõe é, se num determinado intervalo temporal, os elementos da escultura executam as mesmas coisas ao mesmo tempo, sendo, neste caso, uma escultura monocromática. Se pelo contrário, concretizam coisas diferentes e de formas distintas, então falamos de uma escultura policromática (ANDOLFI, 1996).

Assim, sugere-se a leitura da Escultura tendo como referência os constructos da Psicologia Corporal e da Abordagem Sistêmica acima descritos visando integrar os aspectos identificados nos corpos de cada componente da família, casal ou grupo, bem como a interações que estabelecem entre si.

## REFERÊNCIAS

ANDOLFI, M. **A terapia familiar**: um enfoque interacional. São Paulo: Workshopsy, 1996.

BERTALANFFY, L. **Teoria Geral dos Sistemas**: fundamentos, desenvolvimento e aplicações. Petrópolis: Vozes, 2012.

CALIL, V. L. L. **Terapia de família e casal**: introdução às abordagens sistêmica e psicanalítica. São Paulo: Summus, 1987.

FREITAS, F. M. S. **Codificação da Escultura Familiar**: sistema observacional. 2014. 36f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra. Coimbra, 2014.

LIMA, F. M. **Possíveis relações entre o padrão de funcionamento de uma família e o surgimento de um indivíduo com doenças psicossomáticas**: um olhar sistêmico. 2010. 5f Trabalho de Conclusão de Curso (Formação em Terapia Relacional Sistêmica) – Universidade da Amazônia UNAMA, Belém do Pará, 2010. Disponível em: <<http://www.srosset.com.br/monografias/possiveis-relacoes-entre-o-padrão-de-funcionamento.html>>. Acesso em: 05/03/2017.

LÓPEZ, B. E.; POBLACIÓN, K. P. E. **A Escultura na psicoterapia**: Psicodrama e outras técnicas de ação. São Paulo: Ágora, 1999.

LOWEN, A. **O corpo em terapia**. São Paulo: Summus, 1977.

LOWEN, A. **Uma vida para o corpo**: autobiografia de Alexander Lowen. São Paulo: Summus, 2007.

MINUCHIN, S. **Famílias**: funcionamento e tratamento. Porto Alegre: Artmed, 1982.



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

ZORDAN, Mariash Piccoli; VOLPI, José Henrique. Técnica da escultura: leitura baseada nos conceitos das abordagens corporal e sistêmica. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) CONGRESSO BRASILEIRO PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XXII, 2017. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2017. [ISBN – 978-85-69218-02-9]. Disponível em: <[www.centroreichiano.com.br/artigos\\_anais\\_congressos.htm](http://www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm)> Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

NICHOLS, M. P.; SCHWARTZ, R. C. **Terapia familiar: conceitos e métodos**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

ORTLIEB, S. Reich e a concepção pós-moderna no ciclo vital do sistema familiar. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINO-AMÉRICA, XIII, VIII, II, 2008. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2008.

REICH, W. **Análise do Caráter**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

RÍOS-GONZALEZ, J. A. **Vocabulário básico de orientación y terapia familiar**. Madrid: CCS, 2003.

ROSSET, S. M. **123 Técnicas de Psicoterapia Relacional Sistêmica**. 2ª ed. Belo Horizonte: Artesã, 2013.

VOLPI, J. H. **Caracterologia pós-reichiana**. Curitiba: Centro Reichiano, 2008. Disponível em: <[www.centroreichiano.com.br/artigos.htm](http://www.centroreichiano.com.br/artigos.htm)>. Acesso em: 18/11/2016.

VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. **Vivenciando as etapas do desenvolvimento emocional e mapeando as emoções no corpo humano**. Curitiba: Centro Reichiano, 2007. Disponível em: <[http://www.centroreichiano.com.br/artigos\\_livres.htm](http://www.centroreichiano.com.br/artigos_livres.htm)>. Acesso em: 05/03/2017.

VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. **Reich: A Análise Bioenergética**. Curitiba: Centro Reichiano, 2003.

VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. **Crescer é uma aventura! Desenvolvimento emocional segundo a Psicologia Corporal**. Curitiba: Centro Reichiano, 2002.

WAGNER, A.; TRONCO, C.; ARMANI, A. B. Os desafios da família contemporânea: revisitando conceitos. In: WAGNER, A. et al. **Desafios psicossociais da família contemporânea: pesquisas e reflexões**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

WATZLAWICK, P.; BEAVIN, J. H.; JACKSON, D. D. **Pragmática da comunicação humana**. São Paulo: Cultrix, 2007.

## AUTORA e APRESENTADORA

### Mariash Piccoli Zordan / Erechim / RS / Brasil

Psicóloga (CRP-07/22962) cursando especialização em Psicologia Corporal no Centro Reichiano.

E-mail: [maripzordan@hotmail.com](mailto:maripzordan@hotmail.com)

## ORIENTADOR

### José Henrique Volpi / Curitiba / PR / Brasil

Psicólogo (CRP-08/3685), Analista Reichiano, Especialista em Psicologia Clínica, Anátomo-Fisiologia, Hipnose Eriksoniana e Psicodrama. Mestre em Psicologia da Saúde (UMESP), Doutor em Meio Ambiente e Desenvolvimento (UFPR). Diretor do Centro Reichiano-Curitiba/PR.

E-mail: [volpi@centroreichiano.com.br](mailto:volpi@centroreichiano.com.br)